

# DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO ODONI GRÖHS

“Quando o tempo de indômita fereza

Tingir de neve meus cabelos feitos

Lembrando este momento, com certeza

Meu coração há de pulsar no peito”.

Com profunda reverência, possuído da mais intensa emoção e meditada responsabilidade, penetro na “*Casa Barão de Melgaço*”, residência de Augusto João Manoel Leverger, figura eminente na História de Mato Grosso durante o Império, para tomar assento na Cadeira nº 24 do Sodalício mais augusto da cultura mato-grossense, que tem como Patrono o Dr. Aquilino Leite do Amaral Coutinho e teve como ocupantes, pela ordem de precedência, o Dr. Ovídio de Paula Corrêa, o Dr. Francisco Bianco Filho e como meu predecessor imediato o Dr. Jary Gomes.

Ao tomar posse na douta Academia Mato-Grossense de Letras, declaro-me consciente das atribuições, em termos de responsabilidade, tão ampla quanto árdua, que em plena consciência, assumo. Devo agradecer como recipiendário desta egrégia assembleia cultural, a generosidade dos meus ilustres confrades e confreriras pela honra da lembrança do meu nome para a consagração acadêmica e revelar minha gratidão aos amigos diletos que incentivaram minha presença neste colendo Templo da Cultura para meu próprio gáudio, repartindo convivências com os ilustres pensadores que exornam este Sodalício, aplaudido aqui e alhures.

Unidos nos ideais de Dom Francisco de Aquino Corrêa, Príncipe das Letras Mato-grossenses, e pelo culto à língua portuguesa, com o olhar límpido da poesia, sempre algo vivo e transparente entre nós, como disse o poeta Thiago de Mello: “*periodicamente, nos sentaremos à mesa porque a verdade será servida antes da sobremesa*”<sup>1</sup>

Incomensurável é a minha satisfação em ser recepcionado pelo emérito intelectual Dr. Carlos Gomes de Carvalho, advogado, historiador, professor, poeta e escritor. Amigo veraz, construtor de esperanças, pela retidão de caráter, paradigma de consciência cívica de fibra e clarividência, a gratidão e o reconhecimento pelo incentivo da minha presença neste Silogeu. Suas palavras a mim dirigidas, penhoram-me, sobremaneira a emoção que sinto. Ao mestre Dr. Carlos Gomes de Carvalho, Membro do Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, recentemente eleito por unanimidade, como Membro Efetivo do Instituto dos Advogados Brasileiros, com sede no Rio de Janeiro, minha profunda admiração, que se pluraliza ao ecólogo insigne, “*vinculado às hostes sacrossantas de defesa do meio ambiente, apóstolo militante da natureza*”<sup>2</sup>, como o definiu o ilustre acadêmico Dr. João Antônio Neto em saudação de recepção nesta Casa.

Dr. Carlos Gomes de Carvalho em seu livro *Hematopoemas* afirma que “*a poesia é fundamental. É escape e é também couraça, com a qual se engolfa na realidade da vida. É luta e é ternura. É encantamento ou é tormento. É espanto. É brisa suave, ora abismo. É o arco e é a flecha. O caos e a lucidez. O aço fino penetrando as fimbrias da consciência ou da loucura. O poeta é o esteta do sonho*”<sup>3</sup>

Pela elegância com que vernaculiza sua produção literária, e pela sensibilidade com que marca os seus pensamentos mais altos e mais nobres, faz jus ao respeito e à admiração de todos.

Somente a benevolência para com este condiscípulo e a sensibilidade e a fidalguia dos Cultores da Beleza desta venerável Catedral das Letras para justificar “*hic et nunc*” a minha presença.

Agradeço as palavras munificentes com as quais o Dr. João Alberto Novis Gomes Monteiro me acolheu nesta Casa. Eu as recolho como acadêmico neófito, com o sentimento de amizade e a beleza intrínseca do gesto confraternal. Incansável e pertinaz em seu desiderato, irmão na Arte Hipocrática, ilumina esta Casa com a sua verve, vivifica-a com suas iniciativas, estimula-a com o seu exemplo nobre e dignificante.

Ao Dr. Luis-Phillipe Pereira Leite, que incentivou minha presença nesta Academia, volta-se o meu

pensamento e oração num preito de admiração, reverência e saudade. Homem de atitudes coerentes, com inteligência rara, foi um democrata de augusto perfil, gigantesco na moral e no caráter a demonstrar como Confúcio, o maior gênio filosófico-religioso e fundador da literatura chinesa, “*que não é a verdade que torna grande o homem mas o homem que torna grande a verdade*”.<sup>4</sup> Quisera ter o verbo adequado para lhe tecer loas no panegírico definitivo.

### NOBRES CONSÓCIOS

Nesta Casa de homens ínclitos “*que repartem com clarividência a perspectiva estética do espírito*”,<sup>5</sup> como afirmou o ilustre Acadêmico Dr. Clóvis Pitaluga de Moura, em fraterna convivência, prelecionando a cultura viva da alma do povo mato-grossense, apresento-me para um convívio de travessia afetiva. Como dizia Rui Barbosa, “*primus inter pares*” a língua pátria, “*carruagem das ideias, quando não for bebida na fonte mais límpida, mais cristalina, mais estreme, não verterá transparente o pensamento de quem a utiliza*”.<sup>6</sup> Sonho com os olhos abertos, mesclo a vida com bondosa tolerância e alternativamente desperto do devaneio da vida, convivendo vigílias. “*Só aquele que encara despreocupadamente os feitos com que se preocupam os homens pode preocupar-se com os feitos que os homens encaram despreocupadamente*”,<sup>7</sup> pois maior que a dor das palavras é adoecer de silêncios os nossos sonhos.

*Já ultrapassei a metade do mês  
Já ultrapassei a metade da vida  
Estou quase pronto. Preparado e feliz.  
Ganhei muito mais do que merecia  
fiz muito mais do que quis.  
Operário do tempo perecível  
manuseando termômetros e lunetas  
pensei adiar as horas no astrolábio  
na aleivosia de areias e ampulhetas.*

*Espera e paciência  
fragmento de mim  
caminho para frente.  
Os meus passos tem o esboço da Via-láctea  
e a minha poesia não se cansa de gastar palavras  
tentando conversar com o futuro.*

*Argonauta de Taprobana  
avisto Poseidon emergindo das vagas  
escuto Tritão soprando sua cornucópia.  
Coloquei antigas andanças  
nos meus pés edemaciados  
e âncoras em pálpebras cansadas  
... mas meus olhos estão banhados de brilhos.*

*De tanto me procurar  
caminho pelo acaso dos meus muros  
e no senso trágico, na raiz das lágrimas.*

*Uma lenta humildade penetra no quarto  
que habita em mim na palma do repouso.*

## Meus Senhores e Senhoras

Se recuarmos na história e à memória dos séculos lembraremos que foi num recanto do mundo helênico, dos jardins de Academus, que a Grécia iluminou o mundo antigo, dominando o pensamento filosófico da Idade Média.

Esse tempo já não existe. Mãos bárbaras destruíram seu sacrário. Mas nem o tempo nem as paixões inferiores apagaram o espírito criador que um povo legou à posteridade e ao mundo das ideias. Depois dos gregos, sob sua inspiração, outras civilizações souberam criar seus abrigos. Assim é que na efervescência do Renascimento as Arcádias se organizaram como ponto de aglutinação e estudo do pensamento e das letras.

Aqui não foi diferente. A 7 de setembro de 1921, no Palácio da Instrução, nesta cidade, por iniciativa de Dom Francisco de Aquino Correa, vulto da intelectualidade nacional, foi fundado o Centro Mato-grossense de Letras. *“A 15 de Agosto de 1932 passou a denominar-se Academia Mato-Grossense de Letras com trinta sócios e em 1945 seguindo as normas da Federação das Academias do Brasil o número de membros efetivos foi aumentado para quarenta”*.<sup>8</sup>

Espírito de escol a demonstrar refinado quilate cultural, foi escolhido para Patrono da Cadeira nº 24 o Dr. Aquilino Leite do Amaral Coutinho.

Cumprindo o ritual acadêmico e a tradição desta Casa, devo falar-lhes sobre o patrono da Cadeira que tenho a honra de ocupar. Peço vênua para me deter sobre a sua herança histórica.

Dr. Aquilino Leite do Amaral Coutinho nasceu em Cuiabá onde completou os cursos primário e secundário. Tendo escolhido a carreira de advogado e na falta de um curso em nosso Estado, seguiu para São Paulo onde bacharelou-se pela Academia de Ciências Jurídicas e Sociais.

Dr. Aquilino Leite do Amaral Coutinho exerceu a advocacia e colaborou com eficiência junto a Tribuna Jurídica e na imprensa paulista. Ingressou com entusiasmo nas lutas políticas tendo se filiado ao Partido Republicano e se engajado nas campanhas abolicionistas. Candidatou-se ao Senado por Mato Grosso, onde conseguiu eleger-se em concorrido pleito com Joaquim Murtinho e Pinheiro Guedes.

Conforme a Revista comemorativa do Jubileu de Diamante de nossa Academia, o primeiro ocupante da Cadeira nº 24 foi o *Dr. Ovídio de Paula Corrêa* que nasceu na terça-feira de 4 de junho de 1878, às 21h00 em Cuiabá, na casa nº 32 da Rua 13 de Junho (Praça Ipiranga). Filho do advogado Antônio de Paula Corrêa e Francelina Virgínia Corrêa. Coursou seus estudos em Cuiabá, sob a orientação de seu tio Escolástico Virgíneo e mais tarde junto ao Colégio São Sebastião tendo como mestre o Professor Frederico Teixeira. Residindo, anos depois, em Nioaque, exerceu as funções de escrivão do Juiz Comissário, dando continuidade aos estudos. Em 1894, transferiu-se para a cidade de Corumbá, onde trabalhou junto ao Hospital Militar, na ocasião, sob a orientação do Capitão João Cardoso de Menezes, filho do Barão de Paranapiacaba.

Em 1896, regressou a Cuiabá onde estudou escrituração mercantil. Com a vitória da “coligação” contra o Cel. Antônio Paes de Barros em 1906, foi promovido ao cargo de Tabelião da Comarca da Capital. Foi Delegado de Polícia, Vereador, Vice-Presidente da Comarca Municipal, Diretor da Imprensa Oficial, Diretor do Tesouro do Estado e Inspetor da Fazenda. Quando do primeiro Governo Constitucional do Dr. Mário Corrêa, transferiu-se para Campo Grande como Coletor de Rendas. Foi nas letras, como jornalista e beletista, que ele mais se destacou.

Dr. Ovídio de Paula Corrêa, cronista dos fatos e da vida da província foi um patriota no bosquejar das grandes datas e gloriosos feitos que fulgem nos anais de nossa história.

O segundo ocupante da Cadeira nº 24 foi o *Dr. Francisco Bianco Filho*, mineiro da cidade de Bicas, onde cursou o primário. O secundário, entretanto, foi cursado no Rio de Janeiro junto ao Ginásio Pio Americano, onde convivendo com muitos mato-grossenses, como Generoso Ponce e Antônio Fragelli, se afeiçoou às coisas de nossa terra optando em residir neste Estado.

Matriculado aos 14 anos incompletos na Faculdade Livre de Direito, colou grau com distinção, em dezembro de 1919, com pouco mais de 18 anos.

Na Faculdade foi um dos fundadores do “Grêmio Jurídico Cândido de Oliveira”, ainda existente.

No Rio de Janeiro, ingressou na imprensa, iniciando também sua atividade política na campanha da sucessão do Presidente Epiácio Pessoa.

De 1923 a 1930, viveu em Minas Gerais, atuando como professor de Língua Portuguesa e História, diretor de jornal e vereador.

Retornou a Mato Grosso, em Campo Grande, como Chefe de Polícia e mais tarde Juiz, sendo professor e um dos fundadores da Faculdade de Direito.

*“Transferido para Cuiabá, exerceu intenso trabalho, acumulando 02 varas da comarca e os trabalhos do foro de Cocais e Leverger. Mesmo assim, encontrava tempo para ser um dos professores mais assíduos na docência de Direito Comercial da Faculdade de Direito e colaborar com o jornal Diário Oficial do Governo Provisório da revolução constitucionalista de Mato Grosso”.<sup>9</sup>*

Francisco Bianco Filho foi orador, jornalista, professor, bacharel em Direito de louvável erudição acadêmica, proclamando sem temores as próprias opiniões com decidido pendor literário. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

De sua veia poética é o soneto *Quimera* que apresento para homenagear a sua memória:

*Tarde fria de inverno... a chuva e o vento  
Fustigam fora os prados e o arvoredo  
E minha alma parece em tal momento  
Da natureza um simples arremedo.  
Qual peregrino displicente e quedo  
Procuro à senda do meu pensamento  
Em vão livrar-me do falaz degredo  
Desvencilhar-me em vão d'esse tormento.  
Eis quando em sonho tu me vens, lasciva  
A desvendar-me esplêndida, furtiva,  
O etéreo amor num cântico imortal...  
Cedo, porém, tudo reduz-se a pó,  
Frágil quimera em taças de cristal...  
Pois que desperto e sinto que estou só!...”*

O último titular da Cadeira nº 24 foi o saudoso médico *Dr. Jary Gomes*. Neste sublime areópago não venho para substituí-lo, mas tão-somente para sucedê-lo.

Os médicos também constituem uma tradição na *Casa Barão de Melgaço*. Dos discípulos de Esculápio muitos já ocuparam e ainda ocupam Cadeiras neste cenáculo: Lécio Gomes de Souza, Cyro Furtado Sodré, Francisco Ayres, Humberto Marcílio Reynaldo, Nicolau Fragelli, Virgílio Alves Corrêa Neto, e estão entre nós os ilustres acadêmicos Clóvis Pitaluga de Moura e o atual Presidente da Academia, João Alberto Novis Gomes Monteiro.

Dr. Jary Gomes nasceu em Corumbá no dia 26 de novembro de 1913. Passou parte de sua infância em Ponta Porã. Fez o curso primário e o ginásial no Colégio Municipal Dom Bosco, em Campo Grande.

*“Desde muito jovem foi um grande admirador das artes literárias e publicou seu primeiro livro denominado Poliantéia, quando tinha 19 anos de idade”.<sup>10</sup>*

Foi para o Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, para estudar e exercer com diligência seu labor.

Ingressou na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Trabalhou não só para sustentar seus estudos, mas os de sua família, visto que já era casado com a Senhora Maria Eulália de Medeiros Gomes.

Formou-se em Medicina em 1939 e permaneceu mais um ano no Rio de Janeiro para aperfeiçoamento profissional.

Entre 1941 e 1942 residiu em Londrina, no norte do Paraná, onde estavam seus pais e parentes mais próximos.

No ano de 1943 retornou para o Estado de Mato Grosso, como médico da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, onde atuou na medicina e na vida pública, exaustivamente, no município de Três Lagoas, hoje Mato Grosso do Sul.

Exerceu com dedicação a arte de *Esculápio da Argólida* e ainda, admirado pelos trabalhos literários em jornais e revistas da época, chegou à Assembleia Legislativa, onde tomou posse em 21 de março de 1947. Destacando-se em suas atividades parlamentares fez parte da Assembleia Estadual Constituinte de 1947, tornou-se líder da bancada de seu partido político chegando a assumir a presidência da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

Ainda em 1947 com o conjunto de publicações “Rumos à Colonização de Mato Grosso” e “Ideias e Sugestões”, primores de documentos literários, candidatou-se ao pleito acadêmico, cujo êxito o levaria a assumir a Cadeira da qual é Patrono Aquilino Leite do Amaral Coutinho, figura exponencial da cultura poética.

Em 1950, Dr. Jary Gomes, publicou “*Aspectos Econômicos de Mato Grosso*”.

Dr. Jary Gomes foi Governador do Estado substituindo Dr. Arnaldo Estêvão de Figueiredo que se candidatou ao Senado Mato-grossense, onde permaneceu até 31 de janeiro de 1951, dando continuidade aos compromissos de seu antecessor, e especial ênfase ao Plano Rodoviário Nacional e a Política de Colonização no Vale do Rio São Lourenço, em Barra do Bugre, na região de Bodoquena e nas terras agricultáveis situadas entre Cáceres e a fronteira boliviana.

Dr. Jary Gomes relacionou-se com ilustres personalidades da História do Brasil, como o militar, sertanista e geógrafo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Brigadeiro Eduardo Gomes, os Generais Góis Monteiro e Oswaldo Cordeiro de Farias. Após seu mandato de governador, concluiu sua vida pública abandonando a militância político-partidária, onde fez um número expressivo de amigos e admiradores.

Transferiu-se para o município de Niterói no Rio de Janeiro, onde buscou a formação universitária para sua prole que era composta de sete filhos. Nessa mudança dedicou-se à família e à medicina pública.

Dr. Jary Gomes deixou uma herança, talvez a maior de todas, a formação moral de sua numerosa descendência e o exemplo de homem digno, de extrema grandeza, honestidade e inteligência, capaz de não medir esforços pelos ideais de liberdade, democracia e do bem-estar de todas as classes sociais. “*Faleceu no domingo de Páscoa do dia 07 de maio de 1996*”.<sup>11</sup>

Em homenagem a sua memória recito o soneto *Quarto Vazio*, que dedicou a sua filha Sueli. Não morrerá jamais um poeta que assim diz:

*“Hoje revi teu quarto solitário  
e dominou-me estranha nostalgia;  
um mundo de saudade, ali, jazia  
como ruína aos olhos de um templário.*

*A escrivanhinha muda, - mudo o armário,  
a estante sem um livro, quieta e fria,  
ausente o riso, o ardor, toda a alegria,  
isto me sabe as penas do Calvário.*

*Pelas pompas do Altar levas teus sonhos,  
filha que vi nascer de olhos bisonhos  
e o coração de amor se fez tão farto!*

*Teu ideal! Abraça-o sem tardanças,  
que, enquanto enricas a alma de esperanças,  
a minha está vazia como o quarto!!!”<sup>12</sup>*

À família do Dr. Jary Gomes, aqui representada neste pórtico da imortalidade, pelo Dr. Jary Gomes Filho, cuja presença muito me honra e envaidece, apresento minha admiração e respeito pelo notável mato-grossense, paradigma de médico e escritor, que saudosamente com os meus versos, reverencio neste momento:

*Médico e poeta, semeador de esperanças  
conheço-te apenas  
destes encontros noturnos  
nas docas da insônia.*

*Nas crônicas e poemas  
onde mansamente vens  
com teus barcos literários  
carregados de luz e de ternura  
colher versos na brisa  
para plantar silêncios  
na dor do luar.*

*Da paixão fértil e febril  
onde tu abres jardins de céu e chão  
nos vitrais da tua poesia embriagadora  
para que eu adormeça  
com a lua, sempre nova, do teu canto.*

*Teus discursos  
viajaram pelos sete mares do planeta  
e pelos oceanos todos do destino  
acendendo flores  
derrubando muros  
libertando pássaros...<sup>13</sup>*

*Em todo lugar  
onde um irmão lutasse desesperado  
pela saúde ou pelo pão de cada dia  
tu também lutavas.  
Teu país era a humanidade  
e a tua bandeira desfraldada  
fulgura como estrela calcinando sol e sofrimentos.*

*Quantas vezes me estendendo a mão  
com teu verso iluminado...  
Quantas vezes cantaste para acalantar  
minha melancolia indomável.*

*Falando-me de uma nova aurora  
entre os homens  
fiquei teu amigo e caminhamos juntos  
pelos trigais da tua poesia*

*Médico e poeta, semeador de esperanças  
herói da sociedade*

*teu verso engatilhado  
nos punhos da verdade  
tem florais, pequis e amoras.*

*Com o mesmo fogo que cantaste  
aos olhos da musa que te inspirou  
também cantaste os esquecidos  
que a perfídia da miséria alvejou.*

*Semeador de ternuras  
coordenando crepúsculos  
tua pena como sabre inconformado  
lutou contra a tirania e a opressão.*

*E foste cantando, pelas veredas da vida  
colhendo auroras e madrigais  
repartir teu canto com todos.*

*Colecionador de ecos  
argonauta de quimeras  
conheço-te apenas  
perfumando silêncios  
nas esquinas dos teus versos  
onde os homens se encontram  
para reinventar a vida.*

*Lamento profundamente  
não ter conhecido teus sonhos  
no outono do teu céu...  
Para conversar contigo  
sobre homens e lendas  
sobre trigo e mel.*

*Tu eras um perigo aos detentores do poder  
uma ameaça aos organizadores da miséria  
um atentado à tirania mascarada  
em decretos e fuzis.  
E sempre abriste tuas asas  
de condor incendiado  
para transpor cordilheiras  
e saber da tua gente.*

*Cada discurso que compunhas  
explodia como verbo e granada  
nas trincheiras dos regimes.*

*Mas nunca ninguém, ousou ameaçar  
ou silenciar teu violino.*

*Agora, enquanto falo contigo  
nestes versos  
e tu me ouves do teu abrigo celestial  
escrevo por mim, pela Academia, e por ti*

*porque a tua presença espiritual  
está entre nós e pelo mundo  
girando em seu destino de moinho.*

*Se a morte é impotente  
contra aqueles que nascem  
para propagar a existência  
enquanto escrevo  
tuas cinzas nutrem  
as raízes de flamboyant  
que te transmitem da superfície  
a moderna caminhada telúrica do homem.*

*E continuas a oferecer  
a terra que te abriga  
versos  
que - libertados das palavras -  
assumem as dimensões da vida  
nas flores de teus filhos e netos  
que hoje estão entre nós  
e ainda nascem de ti.*

## Senhores Acadêmicos

Permitam-me que nesta hora, de tão grande enlevo espiritual, ao ingressar na Academia Mato-Grossense de Letras, consagrada no respeito e na admiração de todos, apresente minha homenagem aos Educadores Lassalistas do Colégio São José de Canoas, no Rio Grande do Sul, onde fiz a minha primeira formação antes do Curso Médico, e onde moldei o meu caráter e aprendi a manter acesos nos recônditos da alma os archotes flamíferos do Amor, da Honra e da Liberdade.

Meu reconhecimento aos Mestres da Faculdade de Medicina da Universidade Católica de Pelotas e minha profunda gratidão e reverência a Dom José Foralosso e em especial, a Dom Camilo Faresin, Bispo Emérito, e seu irmão Padre Santo Cornélio Faresin, fundadores do *Hospital Santa Maria Bertila* da antiga Prelazia de Guiratinga, onde exerço há 27 anos - dádiva divina - os preceitos da arte apostólica como discípulo de Hipócrates de Cós e onde com idealismo, coragem e renúncia iniciei o exercício médico. O tempo e a idade não arrefeceram meu ideal. A medicina modulou minha vida, retemperou meu espírito e concedeu-me uma visão caleidoscópica mais ampla do mundo e do homem, pois é na postura humanística da arte de curar que consumo meus dias desvendando as múltiplas paixões do cotidiano e as grandezas e os mistérios que acompanham a condição humana.

## Senhoras e Senhores

Lucius Annaeus Sêneca, filósofo e poeta romano, disse que: “*o discurso é a face da alma*”<sup>14</sup> e o insigne acadêmico mato-grossense Ronaldo De Arruda Castro, aqui presente, já exaltou que: “*o poeta não se pertence e nem pertence a ninguém. É um condor solitário que curiosamente nunca está só - povoa-se de silêncios, habita-se interiormente com as cintilações do sonho, que sonhar é o seu ofício. E o seu feitiço e sortilégio. E o poeta que não sonha é um ser imperfeito, descuidoso de sua missão*”<sup>15</sup>

O eminente acadêmico Dr. Satyro Benedicto de Oliveira, citando o orador e escritor português Alves Mendes proclamou: “*A palavra tem a claridade celeste e a profundidade oceânica, cicia como a aura e retumba como o trovão, prende como o imã e fulmina como o raio, corta como a espada, contunde como a clava...*”<sup>16</sup>

Sonhando e esculpindo versos, na *liturgia da palavras*, peço licença para apresentar minha oração de reconhecimento à terra mato-grossense que me acolheu com amor filial:

*Meu querido Estado  
eu quero cantar-te agora  
em todas as praças, coretos e esquinas amorosas.*

*Na tua coragem cívica, criaste o cidadão  
e produziste também a urbanidade.  
És tão carinhoso  
que te fizeste sinônimo de sociedade antropológica.  
Estado do sol, do verde e de Deus  
Estado promissor  
da ardente igualdade entre os teus.  
Não hás de ser nunca  
apenas a colmeia  
nem o labirinto de concreto  
nem o acampamento árido dos sem-terra  
mas o núcleo, abrigo, porto seguro  
onde o horizonte está dardejante de luzes.  
És um pouco de todos os Estados  
para abrigar a todos.  
Tens a riqueza das águas dos teus rios  
e o teu mar é o teu céu abençoado pelo Cruzeiro do Sul.  
És amparo, libertação, refúgio, desafio.  
Eu amo o teu povo, talhado pelo sol*

*construindo espaços, modelando ventos  
rompendo rotas e futuros.  
Gosto de sentir o aroma da tua terra  
impregnada de trabalho e civismo.  
Eu amor sorver teus passos  
nos vilarejos, nas profitópolis, nas igrejas, nas escolas  
nos campos lavrados, nas cavalgadas, nos rodeios  
nos remares longos pelos rios em calmaria.*

*Eu amo teus sonhos  
a projetar fábricas, desfazendo utopias.  
Amo Mato Grosso  
pelos homens, mulheres, jovens e idosos  
Beneditos e Marias.*

*Mato Grosso, mais que meu Estado  
é o meu país.*

### Senhoras e Senhores

Andarilho de memórias, chego a este tugúrio histórico de alforje quase vazio, cultivando a alquimia de aconchegos e descobertas em fonemas que se vão abrindo em girassóis na canção do amor e da solidariedade. Temeroso ainda, porque jamais me consenti um intelectual mas apenas um pertinaz cortejador de bons escritores e devotado admirador de tudo que nos vem do espírito como fruto sazonado da inteligência.

Enamorado dos elevados ideais, ilumino meus dias nos preceitos do poeta Manoel de Barros e nos ditames do Criador que “*ao comprovar que os homens não conseguindo iluminar o silêncio das coisas anônimas passou esta tarefa para os poetas*”.<sup>17</sup> Mas para ser poeta, ensinou Yevtushenko “*não é suficiente saber escrever poemas, é necessário ter a capacidade para defendê-los*”.<sup>18</sup>

*O tempo consumiu  
a luz da minha juventude...*

*No tropel do diálogo  
cantando canções de acalanto  
retiro as rugas do presente  
neste meu rosto feliz.*

*Trago nos gestos  
fragmentos de oceano  
e nos olhos  
águas-marinhas  
das confidências de outros mares.*

*Exilado solar  
sou operário da dor..*

*O bisturi  
manipulado com ternura  
salvando vidas  
é minha espada na lapela.*

*Vim das lonjuras do pampa  
nas asas do minuano  
empurrando canoas no asfalto  
curando feridas e ressacas*

*embriagado de lucidez  
em busca do aconchego tropical.*

*Pisando as trilhas de Rondon  
nas terras do cerrado  
sou um fazendeiro de receitas...  
Viaja no meu sangue  
a panaceia da poesia...*

*Em meu peito germinam topázios  
e as ninfas do outono  
(canções do entardecer)  
inebriando-me de aurora polar  
são asilos de bem-querer.*

*No chão da minha infância  
meu destino nasceu na ponta de um lápis.  
Estudei. Tive sorte. Decifrei equívocos  
nas impurezas do pranto.*

*Meus pais  
lição de amor  
sacrificaram seus sonhos em favor dos meus  
ensinando-me a diferenciar  
a estação das febres e das chuvas  
revestiram minha existência de candura  
no breve aprendizado da vida.*

*Na madrugada da minha adolescência  
apagando rubras labaredas*

*em bandeiras desfraldadas  
a ditadura esmurrou  
na janela do meu civismo.  
“acinzentaram minha alma  
mas não cegaram meus olhos.”<sup>19</sup>*

*Por muito tempo fiquei mudo  
(plangente violão de cordas rôtas)  
mas sem perder a lealdade  
fui fraterno e amigo  
pelas passeatas da vida.*

*Homem feito  
gastei pétalas e raízes...*

*Sangrei no tempo  
mas o amor  
sempre guardei  
no chão agreste do meu peito*

*Escalei dunas de areia  
garimpei sofrimentos  
e formulei cantigas  
(ave das árias)  
em núpcias com a realidade.*

*Minha paixão  
Ana Luiza  
em forma de mãe e mulher  
(resumo melhorado de mim)  
dorme na luz dos meus olhos...  
E planto no seu leito de amor  
orquídeas todas as manhãs.*

*Minhas angústias e tristezas  
são murmúrios de brisas...  
Meu futuro  
não tem medo ou vergonha do amanhecer.*

*Meus filhos  
com vocês  
assumi um contrato de vida:  
só falamos de alegrias e verdades.  
Mas não brinquem de roda  
com o arco-íris...  
para que o pranto  
(versículo da mágoa)  
não visite a janela dos seus dias.*

*Com o coração de roda-gigante  
(sol germinando esperanças e geometrias)  
não me deixem povoado de assombros  
conversando sozinho com a solidão fingida.*

*Testemunhando partidas  
no caminho pungente das andanças  
a florada do tempo imprevisto  
explode em feridas atômicas...  
Na luz escarlate  
das manhãs guiratinguenses  
profeta do humanismo  
exerço meus dias  
superior a cânones e credos  
na convicção  
de que antes de salvar almas  
é preciso salvar vidas.*

*Continuo sonhando novos caminhos...  
O que mudou em mim  
foi o meu jeito de andar  
mas não ando sozinho.  
Quando meu espírito desvaneceu  
e meu corpo fraquejou  
o Senhor me deu coragem para prosseguir.*

*Um dia adormeci  
filho de comerciantes  
e acordei médico...*

*Um dia adormeci  
pai de Leticia e André  
e acordei... poeta.*

Nobres Acadêmicos  
Senhoras e Senhores

Não há como negar que vivemos um momento torvo para a humanidade, perdidos e confusos num verdadeiro eclipse de valores espirituais. Os homens buscam para atenuar as suas angústias, nas diversas formas de humanismo e radicalismo ideológico, o sentido absoluto da felicidade, perdendo-se, entretanto, num negativismo desolador.

Na história do homem, no decorrer dos séculos, *Nero* foi coroado imperador do mundo. *Sócrates* foi aniquilado para destruir o pensamento. No banquete da devassidão *Messalina* recebeu flores e no tribunal da injustiça deram a *Cristo* uma coroa de espinhos no eterno contraditório do espírito humano.

No advento desta nova década, em que se finda a era apocalíptica, que os ódios se dissipem, que a harmonia paire em todas as almas e o amor ressurja como a primavera. Crepusculam os triunfos dos Césares contemporâneos para refulgir a verdade. A dinastia das prepotências agoniza e a tirania malsã está proscrita.

Da ciclópica tragédia que assiste o século XX surgirá uma aurora de esperanças onde se descortinarão os primeiros albos dos Direitos Humanos, com exemplos inequívocos de equidade social contra a afronta, e da liberdade sobre a opressão.

Como *Sísifo*, filho de Éolo e Enarete, fundador de Corinto, o homem moderno inventa instrumentos para se livrar da escravidão do cansaço. Na Atenas oligárquica onde viveu o estadista *Péricles*, 50 mil cidadãos livres eram servidos por 300 mil escravos. Em quatro décadas a humanidade fez mais progressos do que em quarenta mil anos. Nunca estivemos tão perto de realizar o sonho aristotélico. Neste período finissecular, alvorecer dos novos tempos, que Deus tenha piedade da culpada e soberba humanidade.

“*Não desejo inutilizar o esforço hercúleo dos heróis que emprestaram suor e sangue à luta libertária, pelo triunfo da humanidade*”.<sup>20</sup> Os mártires da contenda universal que dormem o sono eterno da glória, nas estepes gélidas da Rússia, nos Apeninos incomensuráveis, nas montanhas da Iugolávia, nas areias candentes da África inóspita, e nos calçadões brasileiros de Copacabana não estão em paz com as promessas falazes que ousam espezinhar os direitos humanos.

*Muitas vezes  
a carne que habita  
o outro lado das cicatrizes  
não reconhece  
a ressurreição das feridas...*

*Muitas vezes  
a carne que habita  
o outro lado da dor  
não reconhece  
o sentimento da lágrima.*

Muito ainda, haverá de se fazer nesta hora em que os ponteiros da História se aproximam aos 500 anos da chegada das caravelas de *Cabral*, na cruzada homérica pela educação de nossa sociedade para que o espírito da paz rufle as condoreiras asas inquietas sobre as cicatrizes das chagas. Pois, se o homem perde a identidade ética, libera a violência incontida. Aqui o chão da experiência nos levará a Amazônia decisiva e ao Pantanal preservado, no abraço sexuado das águas, nossa herança geográfica maior.

Senhoras e Senhores

Antes de concluir, faço um apelo às autoridades governamentais para a preservação de nosso patrimônio cultural estimulando o interesse pela Augusta Casa da intelectualidade mato-grossense, pois como se referiu o preclaro acadêmico Dr. Lenine de Campos Póvoas, que presidiu esta Casa por uma década, “a cultura é o patrimônio maior e mais duradouro que as gerações herdaram das que as antecederam”.<sup>21</sup>

Parafraseando o filósofo e teólogo francês Pierre Teilhard de Chardin, “um dia virá que, depois de utilizar espaço, marés e gravidade, deveremos utilizar para o nosso próximo as energias do amor. E nesse dia, pela segunda vez na história do mundo, teremos descoberto o fogo”.<sup>22</sup>

## EMINENTES ACADÊMICOS

Não penetro sozinho neste venerável templo do conhecimento. Entram comigo os meus queridos familiares, todos os meus amigos diletos, os colegas médicos, os enfermeiros, os pacientes, os companheiros da Família Rotária, que em tão expressivo número prestigiam este evento, e sobretudo os idosos discriminados, os jovens marginalizados e as crianças abandonadas de nossa sociedade.

Sou grato pela presença marcante de tantos amigos, muitos deslocando-se de Guiratinga e de outras cidades, para prestigiarem minha assunção neste propugnáculo do saber.

Senhor Presidente

Ilustres Confrades e Confreiras

Senhoras e Senhores

Humildemente confesso, na intimidade desta noite, que não me dobra o peso de carregar a glória de ser Membro da Academia porque me sustém a suprema aspiração de honrá-la pelo resto dos meus dias.

Muito obrigado

## REFERÊNCIAS

- 01 - MELLO, Thiago. *Faz escuro mas eu canto*: Os estatutos do homem. p. 20. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- 02 - ANTÔNIO NETO, João. *Discurso de recepção ao acadêmico Carlos Gomes de Carvalho*, p 57: Iomat. 1985.
- 03 - CARVALHO, Carlos Gomes. *Hematopoemas*. Coleção Letras Mato-grossenses. Série Poetas Contemporâneos. 1989.
- 04 - CONFÚCIO. *Cinco clássicos*.
- 05 - MOURA, Clóvis Pitaluga de. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*. Nova Série - nº 1. Genus.
- 06 - BARBOSA, Rui. *Discurso, Oração e Conferências*. Edigraf. 1972. São Paulo.
- 07 - CH'AO, Chang. *A importância de viver de Lin Yu Tang*. Coleção Catavento. Globo. 1.963
- 08 - SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Revista Comemorativa do Jubileu de Diamante da Academia Mato-Grossense de Letras*. p.27. Gráfica UFMT. 1996.
- 09 - Idem, *ibidem*.
- 10 - LACERDA, José. *Moção de Louvor*. Assembleia Legislativa Estadual 08/05.1996.
- 11 - GOMES FILHO, Jary. *Depoimento Pessoal*.
- 12 - GOMES, Jary. *Da Juventude ao Ocaso*. p. 58. Gramatura Gráfica e Editor. 1990.
- 13 - FRANDALZO, Carmen Selene. *Coletânea de Poesias*. P, 46. Gráfica Metrópole.
- 14 - SÊNECA, Lucius Annaeus. Epístola CXV. 2
- 15 - CASTRO, Ronaldo de Arruda. *Discurso de Posse na Academia Mato-Grossense de Letras*. 10/03/1992. Revista da AML p. 107. Gráfica Genus.
- 16 - OLIVEIRA, Satyro Benedicto de. *Discurso de Posse na Academia Mato-Grossense de Letras*. 14/12/1991. p 62. Gráfica Genus.
- 17 - BARROS, Manoel de. *Concerto de céu aberto para solos de ave*. p 48. Civilização Brasileira. 1991.
- 18 - YEVTUSHENKO

- 19 - VIOLA, Paulinho da, LARA, Ivone, CARVALHO, Hermínio Bello.  
20 - GOMES, Jary. *Ideias e Sugestões*. Coletânea de Artigos da Imprensa p 12. Tipografia Comercial Bauru SP. 1948.  
21 - PÓVOAS, Lenine de Campos. *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*. Gráfica Genus. 1993.  
22 - CHARDIN, Pierre Teilhard. *La Place de l'homme dans la nature*. 1964.